



O EFEITO TRUMP

Um novo governo não mostra nitidamente ao que veio com menos de 100 dias de gestão. Neste período os governantes procuram arrumar a casa ao seu estilo, nomeando pessoas de sua confiança, fazem levantamentos sobre assuntos específicos e decidem apenas sobre aquilo que não pode ficar para depois. Passados os 100 dias, conhecendo a realidade que encontraram, é que as administrações se definem.

Nem completamos o primeiro mês da gestão Trump, mas as medidas até agora tomadas são inacreditáveis! E mostram nitidamente o seu estilo. Fiquemos apenas no campo econômico. O mundo nunca havia visto um governo ameaçar publicamente empresas que decidam investir em outros países. Mas Trump ameaçou criar dificuldades para a GM, Toyota e BMW, se elas confirmarem a construção no México de novas fábricas já anunciadas.

Além disso, decidi que os EUA não participarão do Acordo de Livre Comércio Transpacífico, que reuniria os Estados Unidos, Japão, Austrália, Brunei, Canadá, Chile, Cingapura, Malásia, México, Nova Zelândia, Peru e Vietnã. Também anunciei que quer rever o já consagrado Nafta, o acordo de livre comércio que os Estados Unidos mantêm desde janeiro de 1994 com o México e Canadá.

Pela teoria econômica, que é ciência, não é difícil provar matematicamente que desregular a economia internacional leva ao crescimento das nações, à redução da pobreza e à geração de novos empregos em longo prazo e de maneira sustentável. O motivo é que o livre comércio leva as nações a se especializarem na produção daquilo que fazem melhor e mais barato e a comprarem dos outros países bens que são melhores e mais baratos que aqueles produzidos internamente.

Mas, o discurso nacionalista é muito fácil de ser absorvido, por ser raciocínio linear e por gerar empregos em curto prazo, embora insustentáveis em longo prazo. Proteger a produção interna agrada ao eleitor de direita e de esquerda. No caso americano, agrada ao eleitor saudosista dos estados do Nordeste, outrora com regiões ultra industriais e hoje falidas, como Detroit. Também agrada o eleitor racista e anti-imigrante do Meio Oeste, que sempre teve como lema "a América somente para os americanos".

Com as medidas protecionistas de Trump, a China é a principal ganhadora. Ganha simpatia que nunca teve e começa a ser vista com menos desconfiança. E vai aumentar a sua importância na América Latina e Ásia. O Acordo Transpacífico, que Trump decidiu igno-

rar, foi criado por Obama para isolar a China e aumentar a presença dos Estados Unidos na Ásia. Sem os EUA, este acordo comercial se fragiliza. Também a Rússia ganha com as medidas de Trump. A Rússia incorporou nações do Leste Europeu durante a II Grande Guerra e se transformou na URSS-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Mas, com a globalização da economia, ocorrida a partir da segunda metade dos anos 80, a URSS perdeu nações que adquiriram independência. Ela ficou menor e voltou a ser Rússia. Agora, o presidente Putin irá invadir novamente nações, pois sabe que não haverá forte reação americana. Isso enfraquecerá a União Europeia, já abalada com a saída da Inglaterra.

Ao enfraquecer o Acordo Transpacífico, Trump beneficiou o Brasil. Afinal, dele fariam parte países, de um lado, importantes produtores de alimentos e, de outro, importantes consumidores. No caso do setor lácteo, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e Canadá teriam acesso privilegiado aos mercados dos demais países do Acordo, pois não haveria cotas ou tarifas de importação. A tendência seria este bloco de comércio crescer em número de países.

Coreia do Sul, Taiwan, Filipinas e países latino-americanos já negociavam a adesão ao acordo. O Brasil, por outro lado, ficaria de fora. Fizemos apenas três acordos comerciais nos últimos 23 anos, com países pouco importantes em termos de comércio: Israel, Palestina e Egito. E nenhum deles é importante em termos de consumo de alimentos, muito menos leite.

O ministro Blairo Maggi trouxe uma nova visão para o Ministério da Agricultura, ao colocar a meta de aumentar de 7% para 10% a participação brasileira no comércio mundial do agronegócio. Agora, com as atitudes isolacionistas de Trump, ganhamos tempo para nos organizarmos. Podemos reforçar as relações no Mercosul e com os latinos, retomarmos as negociações com a União Europeia e, acima de tudo, intensificarmos nossas relações com a dinâmica Ásia, a região do mundo em que a economia mais cresce.

Por outro lado, Trump sinaliza que vai desregular novamente o mercado financeiro dos EUA, o que é um perigo! Isso levou à crise mundial de 2008 e interrompeu quatro anos de superávit brasileiro nas exportações de lácteos (2004 a 2007). Em curto prazo e internamente, Trump aumentará sua popularidade. Com o tempo, terá dificuldades crescentes para apresentar resultados econômicos favoráveis. Enquanto isso, ele constrói instabilidade, que irá reduzir o crescimento mundial, prejudicando os mais pobres, nos Estados Unidos e fora dele. Após três décadas, voltamos à Era da Incerteza! ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalg-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Trump constrói instabilidade, que irá reduzir o crescimento mundial, prejudicando os mais pobres nos EUA e fora dele

LEITE NOS EUA HOJE E A NUTRIÇÃO DE VACAS, POR JOHN MILLER

BALDE BRANCO

Ano 52 - número 628 - fevereiro 2017 - R\$ 11,00 - www.baldebranco.com.br



DIETA DE BEZERRAS

Leite acidificado ressurgiu como alternativa na criação até o desmame. Nos Estados Unidos, já conta com a aprovação dos produtores, enquanto por aqui desperta interesse da pesquisa

Consultoria das centrais de IA melhora a gestão

Produtividade: quando dá sinais de eficiência

Fatores que definem a dieta do rebanho